

ROUSSEAU: RETALHOS BIOGRÁFICOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EMÍLIO, OU DA EDUCAÇÃO

ANTONIO ROBERTO XAVIER

Doutorando em Educação – UFC; Mestre em Políticas Públicas e Sociedade – UECE; Mestre em Planejamento e Políticas Públicas – UECE; Especialista em História e Sociologia – URCA; Licenciado Pleno em História – UECE; Professor dos Cursos de Pós-graduação (Lato Sensu) da FVJ; INTA e dos Cursos de Especialização e Licenciatura Específica em História UVA-IDJ, IDECC, IESC, FACEDI & IFETE. E-mail: historiadoroberto@hotmail.com

LISIMERE CORDEIRO DO VALE XAVIER

Professora da Rede Estadual e Municipal da Educação; Mestra em Planejamento e Políticas Públicas – UECE; Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa – UECE; Graduada Plena em Pedagogia e Letras – UECE; Prestadora de serviços nos Cursos Superiores de Graduação e Pós-graduação (Lato Sensu) nas IES: FVJ, UVA, IESC e FACEDI. E-mail: lisirobert@yahoo.com.br

Introdução

O presente artigo possui como escopo principal comentar sucintamente a vida e a obra “Emílio, ou, da Educação”, do genebrino e “caminhante solitário”¹ Jean Jaques Rousseau, em seu contexto, bem como fazer algumas reflexões acerca do legado desta obra para a educação, sobretudo para os dias atuais.

Concebe-se que mesmo o passar de mais de 2 (dois) séculos e meio a obra Emílio estar presente em muitas práticas didático-pedagógicas do ensino-aprendizagem atual. Diante desta realidade, elencamos como fio condutor desta escrita as seguintes indagações: em que contexto a obra de Rousseau foi produzida? Que dificuldades Rousseau enfrentou para escrever suas obras, sobretudo O Emílio? Que motivos o levaram a escrevê-la? Quais eram seus principais objetivos com a escrita do Emílio? Que aspectos o livro Emílio, de Rousseau, pode influenciar nas práticas pedagógicas nos dias atuais? Que contribuições esta obra pode proporcionar no âmbito da educação infantil, em nosso contexto? Estas e outras possíveis interrogações serão atendidas na medida em que se desdobra a escrita deste artigo.

¹ Expressão do próprio Rousseau em “Os Devaneios”, de 1776.

Os pressupostos justificadores desta escrita ancoram em várias bases estruturais. Em princípio, consideramos que quem trabalha ou estar envolvido de alguma forma com a área da educação não pode desconsiderar o estudo da obra Emílio como leitura essencial. Em segundo lugar, a obra em comento se trata de um clássico de leitura pioneira no tocante a educação infantil. Em terceiro, o estudo da obra Emílio foi incluído como Matriz inicial da Disciplina Teorias da Educação do Programa de Pós-graduação de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, no período de 09/10/2012 a 05/02/2013.

Os procedimentos metodológicos para a escrita deste artigo pautaram-se em fontes secundárias, a saber: no estudo hermenêutico do “Emílio, ou, da Educação” de Jean Jacques Rousseau a qual fora apresentada em forma de seminário por ocasião da Disciplina Teorias da Educação, ministrada pela professora Eliane Dayse, do Programa de pós-graduação de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Além da obra em comento, obras de outros autores corroboradoras da obra Emílio foram consultadas, as quais são constadas no referencial teórico deste trabalho.

O contexto e finalidade do *Emílio*

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, Suíça, no dia 28 de junho de 1712 e faleceu no dia 02 de julho de 1778, em Ermenonville, nordeste de Paris, França. Filho de Isaac Rousseau (relojeiro de profissão) e de Suzanne Bernard, filha de um pastor suíço. Após uma semana do parto de Rousseau Suzanne (sua mãe) veio a óbito. Rousseau tinha um irmão mais velho de 7 (sete) anos que ainda na juventude abandonou a família. Rousseau não chegou a frequentar universidades.

Todavia, Rousseau gostava de ler e lia muito para seu pai enquanto este trabalhava consertando relógios. As leituras de Rous-

seu se davam nos livros deixados por sua mãe (romances) e de seu avô paterno que era pastor. Mas, também Rousseau leu os clássicos, tais como: Platão, Aristóteles, Spinoza, Hobbes Locke e tantos outros. Estudou latim e outras disciplinas com o pastor protestante em Bossey, território próximo a Genebra (ROUSSEAU, 2004).

Entre tantas atividades laborais, Rousseau trabalhou em cartório, em oficina de gravação, foi professor de música, secretário da embaixada em Veneza e preceptor dos filhos do Sr. Mably, em Lion. Após os 16 (dezesesseis) anos Rousseau se tornou aventureiro, daí muitos o concordarem, assim como ele, como sendo: “o andarilho genebrino ou o “caminhante solitário”. Até aos 18 anos era protestante (calvinista). Mas, ao sair de Genebra recebeu abrigo do pároco em Confignon e depois da Sr^a Louise-Éleonore de la Tour duPil, ou simplesmente Sr^a. Warens de quem se torna amante e a chama de “mamãe”. Warens faz abjuração no convento da Visitação e torna-se católica. No asilo de Catecúmenos Rousseau também faz abjuração ao calvinismo e também se torna católico. Já no auge de seus 33 (trinta e três) anos ao retornar a Paris conhece. No início do ano de 1745 ele conhece Thérèse Vasseur, a criada de quarto do hotel onde ele estava hospedado. Começou um relacionamento amoroso com quem teve 5 (cinco) filhos todos destinados ao orfanato Enfants-Trovés. Em 1768 finalmente, Rousseau resolve casar com Thérèse numa cerimônia civil (ROOUSSEAU, 2004).

No contexto de Rousseau o movimento Iluminista estava em alta e ele fez amizade com alguns importantes teóricos desse movimento, tais como Diderot, Condillac e D’Lambert, com quem auxilia na escrita do Dicionário Enciclopédico. Ao mesmo tempo, se desentendeu com David Hume e Voltaire tendo este último denunciado que Rousseau havia abandonado seus filhos. Rousseau discordava com os enciclopedistas, no tocante a crença de que a virtude somente era advinda pela razão e que ao invés do progresso das ciências e das artes ter servido para a felicidade humana, contribuíram para corromper a sociedade transformando os homens em egoístas e desiguais.

Indubitavelmente, Jean-Jacques Rousseau foi um dos mais destacados pensadores do século das Luzes (XVIII), influenciando nas reformas políticas, educacionais e tornou-se, posteriormente, a pilastra fundamental para o movimento do Romantismo. Rousseau deixou um legado de mais de 15 (quinze) obras escritas com as mais variadas temáticas: literatura romântica, ciência política, estética, música, economia política, religião, e, sobretudo pedagogia, dentre essas obras podemos citar: *Dissertação sobre a música moderna* (1736); *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* 1754); *Discurso sobre economia política* (1755); *Júlia, ou a Nova Heloísa* (1761); *Emílio, ou da Educação, Do Contrato Social e A Profissão de Fé do Vigário Saboiano* (1762), etc. Destarte, Rousseau, juntamente com Montesquieu e os liberais ingleses são considerados os pais da Ciência Política moderna que inspiraram as Revoluções, Americana (1776) e Francesa (1789) transformando o Estado absolutista em Estado liberal. Assim, a tríade Liberdade, Igualdade e Fraternidade promessa da Revolução francesa, parece pertencer as entranhas do pensamento rousseuiano (ROUSSEAU, 2004).

A obra *o Emílio, ou, da Educação*, fora escrita de propósito concomitantemente com o *Contrato Social* os quais foram publicados em 1762, em Paris e denunciados na Sorbonne. O Parlamento francês condenou o *Emílio* a ser queimado e seu autor a ser preso. A obra também foi condenada em Genebra. Por conta disso, Rousseau foge do território francês e se refugia em Berna na Suíça onde também foi perseguido e se refugiou nas terras prussianas em Neuchâtel. Conclui a Carta a Christophe de Beaumont, arcebispo de Paris. A carta era uma espécie de defesa da obra *Emílio* que é publicada em 1963. Nesse mesmo ano, cidadãos genebrinos fazem várias representações em defesa de Rousseau. Porém, o Procurador Geral Tronchin escreve *Cartas Escritas do Campo* contra Rousseau. Em resposta, em 1764, Rousseau publica as *Cartas Escritas da Montanha* novamente em defesa do *Emílio* e do *Contrato Social*.

Todavia, como o próprio Rousseau explicou, a obra *Emílio* é mais do que um Tratado da Educação, ou “[...] os seus devaneios de um visionário sobre a educação” [...], o *Emílio* não é mais do que um tratado sobre a bondade original do homem (ROUSSEAU, 2004, IX, XXX). Com efeito, a obra tem como finalidade mostrar de que forma o vício e o erro, externos à constituição humana, alteram imperceptivelmente a virtuosidade do homem. O próprio Rousseau, em suas *Confissões* (Livro VIII), considerou a obra *Emílio*, ou, da Educação, como sua obra menos exigente de raciocínio para sua compreensão. O fio condutor do projeto de Rousseau em *Emílio* é a formação do homem em busca da cidadania. Para tanto, a chave fundamental para a realização completa desse projeto é, sem sombras de dúvidas, uma educação adequada de formação primeira de homem ao indivíduo para sua serventia na coletividade. Essa educação deve-se a um naturalismo pedagógico, ou seja, uma teoria naturalista de educação dividida em etapas ou faixas etárias.

Emílio, além da introdução está estruturada em 5 (cinco) capítulos e Rousseau se levanta em favor de respeito à liberdade das crianças e dos adultos e de uma educação pública visando à formação de um homem novo a partir da infância para a constituição de uma sociedade coesa e igualitária. Conforme Launay, “*Emílio* é sem dúvida o livro que mais fez para promover uma escola e um Estado laicos, liberados da tutela das Igrejas, mas essa escola e esse Estado foram bastante ingratos [...]” (ROUSSEAU, 2004, XX). Porém, *Emílio* não trata isoladamente apenas sobre educação. Em seu bojo é perceptível um imbricamento entre assuntos, tais como: a moral, a política, a filosofia, a pedagogia, estética, medicina, dentre outros. Referindo-se a política e a moral o próprio Rousseau afirma “Aqueles que quiserem tratar separadamente a política e a moral jamais entenderão nada de nenhuma das duas” (apud ROUSSEAU, 2004, XXII).

Propondo redimir o homem de sua maldade adquirida na sociedade corrompida, Rousseau idealiza um educando, o *Emílio*, menino rico, saudável, robusto e órfão ou entregue pelos pais a um

preceptor em razão dos pais só poderem educar o filho no âmbito da realidade social vigente, o que se devia evitar por conta dos vícios e maldades adquiridas no seio daquela sociedade. Rousseau, na condição de preceptor de Emílio idealiza uma educação para formá-lo primeiramente um homem capaz de promover a reforma da sociedade (que se encontra corrompida) resgatando-a para a condição primitiva de boa. Rousseau assegura que o homem ao nascer é bom, mas com o tempo se torna mau em função do convívio com os homens já degenerados socialmente. A educação de Emílio será o retorno à natureza e longe de ser fácil, a educação de Emílio será rude: “que corra, se divirta, caia cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar. O bem-estar da liberdade compensa muitos machucados” (ROUSSEAU, 2004, XXII).

A escrita de Emílio parece ter 2 (duas) razões básicas: a primeira está relacionada com o legado dos 2 (dois) séculos anteriores nos quais a ciência e a razão seriam as grandes pilstras da felicidade e do bem-estar do mundo ocidental, como preconizavam os grandes pensadores desse contexto. Entretanto, Rousseau refuta: “[...] A literatura e o saber de nosso século tendem muito mais a destruir do que edificar” (ROUSSEAU, 2004, XII). Rousseau percebia que o desenvolvimento e o progresso humanos foram decisivos para a degeneração e a desigualdade social. Para corrigir era preciso que o homem fosse ao campo e através de uma educação aplicada corretamente na infância este pudesse, enfim, resgatar essa igualdade entre os humanos. A outra razão aponta que Rousseau carregou consigo uma pesarosa culpa de não ter cuidado e educado seus 5 (cinco) filhos destinados ao orfanato. No prefácio da obra em estudo Michel Launay informa:

[...], e foi justamente a obsessão por sua culpa que o determinou a escrever o Emílio de 1757 a 1762 e a começar as suas Confissões em 1765. A morte interrompeu seus Devaneios, onde ele ainda se defendia de ter sido um “pai desnaturado” (LAUNAY apud ROUSSEAU, 2004, VIII, grifo original).

No livro XII de as Confissões, o próprio Rousseau confirma:

A decisão que tomara com relação aos meus filhos, por mais racional que me tivesse parecido, nem sempre me deixava de coração tranquilo. Ao meditar sobre o meu Tratado de educação, senti que tinha negligenciado deveres de que ninguém me podia dispensar. Por fim, o remorso tornou-se tão vivo que quase tirou minha culpa no começo do Emílio, e a própria passagem é tão clara que é surpreendentemente que depois dela tenham tido a coragem de me censurar (apud ROUSSEAU, 2004, IX).

Assim, fica evidente que Rousseau, como se quisesse redimir, demonstrou em sua obra como deve ser cuidada uma criança e como ela deve ser educada. Apesar de Rousseau ter tentado tranquilizar sua consciência e sendo até mesmo preceptor de crianças não teve a mesma sorte como a teve com seu aluno idealizado, o Emílio.

Rousseau se autodeclara um escritor original e sólido quando diz: “[...] não me agrada encher um livro com coisa que todos sabem [...]” (ROUSSEAU, 2004, XI-XII). Todavia, se divagarmos um pouco no tempo podemos perceber que o grego Platão, politicamente contrário a Rousseau, pois era contra a democracia, no âmbito da educação lançou ideias que refletem no projeto de Rousseau. Considerado o primeiro pedagogo, Platão já havia desenvolvido um projeto semelhante ao que Rousseau aprofundou. Em primeiro lugar, Platão assim como Sócrates não aprovava o ensino de caráter técnico. Platão acreditava que somente a busca do conhecimento tornava o homem virtuoso. Platão também defendia que o ensino deveria ser público e o Estado, o principal responsável.

Apesar de que a educação para Platão deveria ser direcionada para formar governantes ele acreditava que os adultos eram os corruptores das crianças. O projeto pedagógico platônico é naturalista, pois, por ele as crianças deveriam ser tiradas dos pais e serem enviadas para o campo. Até completar os 10 (dez) anos a educação das crianças deveria ser voltada para o desenvolvimento natural e

liberal físico, com brincadeiras e esporte. Para Platão, agindo assim as crianças não seriam cerceadas de suas liberdades e adquiririam saúde para o resto da vida. Após os 10 (dez) anos as crianças deveriam aprender música e poesia. Dos 16 (dezesesseis) anos em diante, além de Música, Matemática, História e Ciência, os jovens deveriam praticar exercícios físicos para o equilíbrio da força e aperfeiçoamento espiritual. Dos 20 anos aos 35, considerada a fase adulta os homens seriam submetidos a testes. Os reprovados seguiriam a carreira militar e os aprovados iam para a filosofia. Após os 35 anos e a escolha de suas profissões os homens ainda teriam mais 15 anos de contínua instrução. Assim, a instrução seria permanente (PLATÃO, 1997).

No que pese as diferenças, sobretudo no que se refere as faixas etárias percebemos que Platão projeta uma educação visando encontrar a virtuosidade dos homens capaz de controlar, os instintos, a ganância e a violência. Não se quer retirar o mérito da obra de Rousseau. O que se quer mostrar é que nada vem do nada. Tudo é uma construção e reconstrução que obedece a ordens de discursos de certos contextos. Rousseau foi bastante influenciado pela filosofia política de Locke, sobretudo quando este escreve o Segundo Tratado do Governo Civil em 1689, (1978), no qual Locke define sua teoria política da sociedade e também descreve o contrato social. O fato é que na busca incessante por um estado liberal o genebrino Rousseau pode ter sido influenciado por Platão (1997), Locke (1978) e outros antecessores.

Porém, Rousseau influenciou muitos pensadores de seu contexto como posteriores. Não se pode negar que Rousseau influenciou seu contemporâneo Kant (2004) e sua busca incessante da liberdade, da moral e dos fins últimos do homem e até Darwin e sua teoria da seleção natural (STEFFOF, 2007). Pode-se dizer que Rousseau foi precursor da pedagogia de Montessori (COSTA, 2001) e Dewey (1959) e depois de vários pedagogos defensores da escola nova dos séculos 19 e 20.

Voltando a obra Emílio é possível perceber a defesa de um naturalismo pedagógico em prol do bem coletivo. Podemos vislumbrar 5 (cinco) vertentes ou pontos gerais na obra em referência. O primeiro que está no cômputo geral seria aprioristicamente a passagem da educação natural para a social. Para tanto, seria necessário compreender, primeiramente, o homem e a sociedade por meio da infância, ou seja, quanto mais o homem compreender a infância e respeitar a autenticidade das crianças mais compreenderá a si mesmo e perceberá que estão nas crianças as perspectivas de um mundo mais justo e igualitário (EMÍLIO, 2004; DALBOSCO, 2011).

O segundo ponto está bem nítido nos capítulos I e II do Emílio, ou seja, a questão da “educação natural e a infância (de 0 a 12 anos)”. O segredo neste período é uma educação é que a ação de educar deve ser conjunta em ter pais e educadores e a criança deve ser respeitada em seu mundo e não querer antecipar sua formação ou transformá-la adulta em miniatura. É preciso que a autonomia, liberdade e escolha por parte da criança sejam plenamente respeitadas. As intervenções por parte dos educadores neste período tem que ser essencialmente propícia. É preciso proteger as crianças dos vícios e das invasões sociais precoces. Nessa fase há a primeira preparação para encarar o mundo posteriormente (EMÍLIO, 2004; DALBOSCO, 2011).

O terceiro ponto vincula-se ao livro III e está associada a “educação social na transição criança-adolescência (12 a 15 anos)”. Nesta fase, o Emílio deve ser preparado observando as experiências e produzindo suas próprias decisões tendo que ser bem orientado pelo seu preceptor para enfrentar as dificuldades e superar os possíveis problemas que podem advirem durante a vida (EMÍLIO, 2004; DALBOSCO, 2011).

O quarto ponto expresso no livro IV (15 a 20 anos) relaciona-se com “educação moral, razão e consciência de mundo”. Neste ponto, reside a exigência precípua de tomada de consciência de si e dos outros através da própria experiência. A compreensão de jus-

tiça visando o bem coletivo e individual. É nesta fase que o ser in-
trojeta uma visão para seu interior buscando descobrir-se e procu-
rando saber quem é realmente e o que quer da vida (EMÍLIO, 2004;
DALBOSCO, 2011).

O quinto e último ponto revelado no livro V diz respeito a
“educação, paixão, gênero, trabalho e política (20 a 25 anos). Nes-
ta fase, Rousseau prepara seu educando para o casamento sem
esquecer as lições anteriores. Emílio deve está preparado para a
vida de casado, entender as diferenças, desejos e paixões sexuais.
Profissionalmente está habilitado para o exercício de um ofício an-
teriormente escolhido. Neste ponto, Rousseau evidencia as necessi-
dades físicas e espirituais, naturais e artificiais do ser humano. Por
fim, neste último livro Rousseau faz um resumo do Contrato Social
destacando suas concepções contra o Ancien Régime e seu esforço
pela instalação do novo regime, o Estado liberal. Rousseau também
é considerado pelo seu legado como o pai da pedagogia moderna
(EMÍLIO, 2004; DALBOSCO, 20011).

Conclusões

Após a realização da leitura da obra Emílio, ou da Educa-
ção de Rousseau é possível externar algumas conclusões ou juízos
de valores concernentes ao espírito do autor e de sua concepção
em relação a educação e seus recursos pedagógicos. Rousseau de-
monstra acreditar na bondade natural do homem e o desenvolvi-
mento da sociedade capitalista ter sido a corruptora e geradora da
degeneração da sociedade galgando o mal. O homem naturalmente
é bom, porém a sociedade o corrompeu.

Para resolver essa questão é necessário proteger o indivíduo
desse malogro social começando pela educação desde a tenra ida-
de. Nisso reina o naturalismo pedagógico a começar pela infância
dos seres humanos com o objetivo de afastá-los dos males sociais.
Para tanto, o educador deve fomentar no aluno sua resistência ao

mal social com base no desenvolvimento natural de seu aluno. A começar pelos cuidados de sua mãe ou ama-de-leite desde o nascimento com relação a parte física resistente.

Ao desenvolver seu *status* natural retardando o intelectual o aluno estaria apto a interessar-se por seus assuntos fazendo suas próprias indagações com o fito de se encontrar em seu mundo real. Com isso, o ambiente adequado ao aluno era aquele que proporcionasse o desenvolvimento do seu eu natural. Isso só seria possível se a educação do aluno durante a infância (0 a 12 anos) fosse somente com seu preceptor e a natureza física. Após tal estágio e se o aluno, por sua natureza própria tivesse a necessidade de entrar no mundo para sua socialização aí sim ele entraria em contato e vivência com a sociedade já com um espírito de retirar juízos de valores. Após ter sido educado conhecendo seus direitos e deveres para o cumprimento de sua cidadania é que esse aluno poderá inserir-se na sociedade com o objetivo de fazer-lhe o bem, coletivamente.

Rousseau fundamenta teoricamente seu projeto de naturalismo pedagógico permitindo ao seu aluno apenas a leitura típica do livro de Robinson Crusóe, de Daniel Defoe (2004), cuja essência demonstra que toda e qualquer personalidade e caráter são desenvolvidos harmoniosamente com a natureza proporcionando a isenção da degeneração e corrupção da sociedade. Neste sentido, Rousseau pode e deve ser considerado o pai da educação infantil moderna e o precursor em defesa dos direitos da criança quando define a educação como objeto redentor e formador do homem para viver com cidadania, liberdade e igualdade social.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Magda Suely Pereira. Maria Montessori e seu método. *Revista Linhas Críticas*, Brasília, v. 7, n. 13, jul/dez, 2001.
- DEFOE, Daniel. *As aventuras de Robinson Crusóe*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- DALBOSCO, Cláudio (Org.). Filosofia no Emílio de Rousseau: o papel do educador como governante. Campinas/SP: *Alínea*, 2011.
- DEWEY, John. *Democracia e Educação*: Introdução à Filosofia da Educação. – 3. Ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- LAUNAY, Michel. Introdução. Questão Prévia. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, da educação*; tradução Roberto Leal Ferreira. – 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004. – (Paideia).
- LOCKE, John. *Segundo Tratado Sobre o Governo Civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1978. (Coleção Pensadores).
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, da educação*; tradução Roberto Leal Ferreira. – 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004. – (Paideia).
- STEFFOF, Rebecca. Charles Darwin: A revolução da evolução. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2007.